

EDUCAÇÃO HODIERNA, CORPO, BODY MODIFICATION: UM DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL DO JOVEM CONTEMPORÂNEO

Nívea Maria Silva Menezes¹

Resumo: O presente texto trata de questões ligadas ao corpo, educação e novas tecnologias, que estão presentes no meu projeto de pesquisa: “O discurso estético da Body Modification na formação cultural da juventude contemporânea”. O corpo traduz e revela formas precisas de educação, insere indivíduos a grupos sociais e é alvo de investimentos das novas tecnologias. Neste sentido, a escola, aliada às novas tecnologias, produz subjetividades que configuram corpos voltados para o mercado. Palavras-chave: corpo, cultura e educação.

Resumen: El present artículo trata de cuestiones acerca del cuerpo, educación y nuevas tecnologías, que están presentes en mi proyecto de investigación “El discurso estético de la Body Modification en la formación cultural de la juventud contemporánea”. El cuerpo traduce y revela formas precisas de educación, haciendo la inserción de individuos a grupos sociales y es alvo de investimentos de las nuevas tecnologías. Así, la escuela, aliada a las nuevas tecnologías, produce subjetividades que configuran cuerpos envueltos para el mercado. Palabras-claves: cuerpo, cultura y educación.

A Educação a mercê das novas tecnologias ou sua cúmplice?

A educação inegavelmente sofre os efeitos das novas tecnologias, tanto no que se refere à obrigatoriedade do seu uso no interior da escola, como também de sua ausência ou da ineficiência no seu manuseio por professores e alunos no cotidiano escolar. Basta passar os olhos ligeiramente nos laboratórios de informática, espalhados nas escolas públicas e privadas do país, ou mesmo na parafernália eletroeletrônica que se apresenta como “ferramenta” pedagógica, no auxílio aos professores no desenvolvimento dos conteúdos na sala de aula.

No entanto, o modelo de educação atual prima por uma insensibilidade nunca dantes vista, na qual o que importa não é como

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – PPGE/UNIMEP, Bolsista CNPq. E-mail: aiven@bol.com.br

o processo de ensino-aprendizagem se concretizará via novas tecnologias, mas, sim, pelo inchaço de computadores, aparelhos de DVD, Data-show etc., que se aglomeram nas escolas, muitas vezes, sem o menor preparo e mediações necessárias entre professores, funcionários e alunos.

Esta indiferença aos limites e cuidados na implantação desses aparatos tecnológicos na sala de aula são reflexos da objetivação em que se pretende transformar a educação: meio para a instrumentalização de interesses e exigências do mercado global. Contudo, essa transição apreciada por muitos como o inevitável progresso do mundo tecnológico, nega princípios fundamentais que consistiriam em uma formação humana pautada na emancipação dos sujeitos. Mas como os sujeitos do processo educativo teriam a possibilidade de emancipação no atual contexto histórico?

Theodor Adorno (1969), em debate radiofônico intitulado Educação e emancipação, utiliza-se do ensaio Kantiano “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?” para demonstrar a menoridade ou tutela, e, deste modo, também a emancipação. Em relação à menoridade, o autor afirma o seguinte:

o estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. “Eclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade” (ADORNO, 1969, p.169).

Entendo, a partir disso, que uma formação humana que permita a emancipação dos sujeitos é aquela que cultiva a reflexão dos mesmos sobre suas ações e dá ao sujeito a condição de pensamentos autônomos, incentivo à coragem sem a tutela de outrem e ainda favorece uma auto-determinação. Vejo que formar cidadãos capazes de refletir sobre si e sobre sua condição na sociedade é também permitir que estes saiam da menoridade, a partir do cultivo do espírito crítico. Neste sentido, o pensamento de Kant, na atual lógica da produtividade contemporânea, fica deslocado e sem sentido, pois o que se espera dos sujeitos do processo formativo atual é cada vez mais a adequação ao sistema, a obediência e conhecimentos extremamente específicos e pragmáticos, os quais desconsideram a possível autonomia do sujeito e, conseqüentemente, de um pensar diferente do que está posto.

Este processo de instrumentalização do conhecimento e da educação inicia-se prematuramente nas escolas, com os pacotes pré-

fabricados de disciplinas, estendendo-se até os escritórios de grandes multinacionais, seguindo a mesma lógica operacional.

Nesse sentido, a formação vem ao longo do tempo esfacelando-se e perdendo sua essência emancipatória e possibilidade de autenticidade, corroborando, deste modo, para uma formação humana que, nas palavras de Adorno, constitui-se em semiformação, conforme verificamos na passagem abaixo:

a cultura que torna-se indiferente, no que tange ao seu fim, ou seja, a formação consciente do homem, mas que vem progressivamente dissociando-se e sobretudo desmentindo objetivo ao conteúdo dos bens culturais – a humanidade e tudo o que lhe for inerente – enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por se converter em semiformação (ADORNO, 2003, p. 03).

Desta forma, os bens culturais e a formação sofrem os abalos de um sistema que converge para a alienação e a regressão espiritual dos sujeitos que, seduzidos pelo fetiche das novas tecnologias, pensam deter formação, quando, na verdade, com muita boa vontade, eles estão sendo in-formados de maneira superficial sobre determinado assunto ou conteúdo. O diagnóstico crítico aponta para uma integração mediante uma espécie de teia do sistema, que privilegia a informação em tempo real, ao invés de um tipo de formação que cultive a elevação do sujeito na direção de um espírito crítico-reflexivo, indissociável à formação cultural do homem.

O que se passa com a adoção de uma semiformação, endossada pelo crivo das novas tecnologias impostas à escola é justamente o contrário da formação, pois, segundo Adorno, o semiformado transforma, como que por encanto, tudo o que é mediato em imediato, o que inclui o que o mais distante é. Daí a tendência à personalização do mundo, por outro lado, a semiformação, enquanto a consciência alienada, não sabe da relação imediata com nada, senão que se fixa sempre nas noções que ela mesma aporta às coisas.

Uma formação que se aparta da crítica que fira o sistema, que sucumbe às suas regras e compactua com as mesmas, caminha para a barbárie e fomenta o enfraquecimento do potencial formativo da educação.

No entanto, vale ressaltar que os meios tecnológicos presentes na escola não são os únicos culpados da racionalização da educação.

De acordo com Crochik (2003, p. 99), “seria ingênua, contudo, julgar que as novas tecnologias educacionais são responsáveis pela racionalização da educação - essa já apresentava-se, na didática moderna e na educação de massas. Elas apenas a fortalecem”. Assim, o que se materializa hoje vem se configurando há tempos e cada vez torna-se mais legítimo na lógica da contemporaneidade, visto o uso dessas novas tecnologias e a sua estreita relação com a indústria e o mercado, no fomento de uma semiformação travestida de progresso. Esta semiformação prima por uma tendência ao pragmatismo do conhecimento sempre com vistas a um fim e, de preferência, que traga bônus em curto prazo para o sujeito do processo educativo. O que se deve destacar na crítica às modernas tecnologias utilizadas na educação é justamente esta proximidade com a racionalidade da indústria.

Em conformidade com o pensamento de Adorno, Crochik destaca que

a adaptação também deve fazer parte da educação, desde que acompanhada da possibilidade de se emancipar das formas de adaptação anacrônicas. Há uma diferença, contudo, entre ensinar os alunos a usar o computador e transmitir informações por ele. No primeiro caso, transmite-se a cultura, no segundo, a cultura é filtrada pela racionalidade do meio técnico (CROCHIK, 2003, p. 99).

Assim, de modo geral, podemos afirmar que existem interesses e intencionalidades na inserção das novas tecnologias na escola, no que toca a seus usos e às suas influências na formação dos sujeitos do processo educativo, pois as novas tecnologias têm forte poder de sedução e adaptação dos alunos em formação, sendo literalmente formatados para a lógica de mercado e, conseqüentemente, de consumo, no logro de uma realidade prontamente construída e ideologicamente arquitetada, no intuito de conceber/in-formar pessoas que sigam cegamente aos comandos da máquina, sem muito ou nada questionar.

Existe, na educação contemporânea, toda uma subjetividade que interfere nos modos e formas dos sujeitos relacionarem-se. É uma formação cultural que privilegia e estimula um sentido especial do nosso corpo: a visão. Apesar desta ser o menos corporal dos sentidos, ela ocupa lugar de destaque na nossa sociedade, mas a hipervalorização desse sentido em detrimento dos outros tem sua raiz na medicina moderna, conforme afirma Francisco Ortega na passagem citada a seguir:

Desde o século XIX, com a invenção de novas técnicas de visualização médica do corpo, o “tato” perde estatuto epistemológico, clínico e diagnóstico, sendo substituído pela visão, a qual se apresenta como mais objetiva. A ênfase na visão constitui uma ameaça para o uso diagnóstico dos outros sentidos, em especial o tato e o ouvido, que exigem do médico que forme uma imagem mental da lesão – mais propensa ao subjetivismo, face às técnicas visuais que apresentam uma imagem de forma imediata, direta e objetiva, relegando o tato e o ouvido um plano intelectual inferior (ORTEGA, 2006, p. 57-58).

A indústria cultural, sabendo dessa hierarquização da visão, na escala dos sentidos, apropria-se desta verdade balizada pela ciência e articula-se eficazmente na captura desse sentido e, ainda, autobeneficia-se dele através de investimentos contínuos na venda de imagens, como se essas fossem objetos, algo material, quando, na verdade, não o são, pois não podem ser tocadas nem vividas. No entanto, a formação cultural que recebemos permite esse tipo de subjetividade, daí a legitimidade encontrada pela indústria cultural na promoção de modelos reconfiguráveis de corpo em nossa sociedade.

Essa lógica subjetiva, na qual o ver é imprescindível, ganha força quando os sujeitos se disponibilizam a fazer uso do império da visão, tornando-se verdadeiros *outdoors* ambulantes, onde colam nas vestimentas e no próprio corpo os modelos fornecidos pela indústria cultural. Os sujeitos discursam com seus corpos, sem palavras, é verdade. No entanto, é essa a forma encontrada, principalmente pelos jovens, para expressarem os seus desesperos pela visibilidade. O sucesso de sites na Internet que disponibilizam a vida privada dos sujeitos – com fotos, intimidade e o seu cotidiano – é notável. O sujeito contemporâneo quer ver o outro, mas quer, sobretudo, ser visto. Para isso, ele conta com o auxílio das novas tecnologias de informação em tempo integral.

A Educação hodierna incide nos corpos sua identidade

A inserção da tecnologia no cotidiano, de maneira geral, vem mudando o modo como se configura as relações humanas e a formação dos sujeitos. Torna-se cada vez mais sensível à incidência da formalidade sobre os gestos, as falas, enfim, aparece, neste sentido, um novo perfil identitário compatível, sintonizado, ou melhor, configurado com essa tecnologia. Obviamente, o corpo, que é o lugar no qual manifestamos

todos os nossos sentimentos e emoções, sofre, sensivelmente, o revés desse novo modo de expressão na contemporaneidade.

Destacamos, neste artigo, a influência que o mito do esclarecimento tem sobre os homens transformando-se em herança inegável de todo esse processo de instrumentalização pelo qual perpassa o corp, pois ele é fruto de uma filosofia que consiste em dominar a natureza, através do conhecimento das coisas, desencantando o mundo. Em relação ao mito do esclarecimento, Vaz afirma que,

do mito para o esclarecimento, encontra-se o caráter de domínio que o sujeito terá que erigir em relação à natureza. Mito e esclarecimento são vistos como estágios prototípicos da humanidade, o primeiro representando ainda poderio das forças da natureza, entendidas como sobrenaturais, sobre os seres humanos, os quais, uma vez esclarecidos, passariam a ter aquelas sob seu domínio (VAZ, 1999, p.94).

O propósito do esclarecimento de ser emancipador, no entanto, não se cumpre e,

ao substituir o mito pelo procedimento racional, e a imaginação pelo saber, manteve-se mitológico, porque reproduz a lógica cega daquele. Mais do que isso recaiu a barbárie, na medida em que transformou a natureza em mero objeto desqualificado, porém matematizado, a ser dominado (VAZ, 1999, p. 95).

Seguindo essa linha de raciocínio, vemos, na cultura hodierna, aspectos claramente antevistos por Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*, que se confirmam no trato do homem com suas inter-relações socioculturais na contemporaneidade. A dominação e pertença do corpo pelo homem são concebidas através da cultura, pois, “é só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, ‘corpus’” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 217). Portanto, por meio da cultura, pautada na ciência e na tecnologia, o homem autocertifica-se a reconhecer o corpo como coisa, objeto passível de ser comandado e dominado.

No entanto, essa relação não se dá pacificamente entre os homens, pois ela ocorre sob constante tensão objetivada na ambivalência amor-ódio. Eis que surge o seguinte questionamento: como o reflexo dessa relação amor-ódio pelo corpo, herança de toda uma cultura ocidental, afeta a construção da identidade e a formação do sujeito do hodierno?

Segundo Kehl,

O caráter excepcional do processo civilizador no Ocidente moderno deve-se ao alto nível de especialização dos agentes sociais e à imensa complexidade das cadeias de relações sociais em que cada homem está inserido, a um nível que ele mesmo é incapaz de perceber. À reordenação do comportamento dos homens em meio a seus semelhantes, à nova relação entre os corpos, correspondem mudanças na estrutura da personalidade. Quanto mais integradas, especializadas e complexas as relações que se estabelecem entre os membros de uma sociedade, maior a interdependência entre eles e, conseqüentemente, maior a necessidade de automatização e controle dos impulsos, das pulsões e dos afetos (KEHL, 2003, p. 255).

O corpo, na cultura contemporânea, torna-se algoz e vítima da nossa sociedade. Este novo modo de organizar a vida repercute nas subjetividades, muitas vezes sem os sujeitos se darem conta disso. Neste contexto, outro fator preponderante é a presença maciça da indústria cultural, que, ao disponibilizar inúmeras imagens de corpos, afeta a subjetividade humana profundamente, a ponto de tornar, a partir de sua disponibilização de modelos corpóreos, a banalização da identidade, no sentido dos sujeitos verem em seus corpos a possibilidade deste assumir matéria plástica, espaço de afirmação da multiplicidade. O que Vladimir Safatle (2004), chama de “corpo reconfigurável”.

É como se precisássemos continuamente reconfigurar nosso corpo, para satisfazer as exigências sociais de uma sociedade que louva essa performance e escarnece os que se negam a praticá-la. A indústria cultural não forneceria mais ao eu a positividade de modelos estáticos de identificação. Ela forneceria apenas a forma vazia de reconfiguração continua de si que parece aceitar, dissolver e passar por todos conteúdos. Isto pode nos explicar porque temos cada vez menos necessidades de padrões claros de conformação do corpo a ideais sociais (SAFATLE, 2004).

Neste sentido, faz-se necessário observar com cautela o modo como os discursos sobre e para o corpo constituem-se na nossa sociedade e em que medida fornece essas reconfigurações contínuas.

A personalização do corpo na cultura contemporânea: o discurso da Body Modification

O conjunto de argumentos utilizados até agora corrobora para uma tentativa de compreender as inter-relações entre a educação, o fomento das novas tecnologias e como se configura a atual forma de organização social, a partir da imbricação destas nos modos de tratar e se relacionar com o corpo do homem contemporâneo. Doravante, vou me ater principalmente à questão da necessidade da personalização dos corpos na nossa sociedade e principalmente ao discurso expresso na *Body modification*.

1. O discurso estético da Body modification

Vale observar, primeiramente, o sentido do uso da expressão “discurso estético” que utilizo e minha pesquisa. Entendo por “discurso estético” todas as formas encontradas pelos jovens contemporâneos para expressar, através de seus corpos, manifestações caracterizadas por rituais que contenham elementos em contraposição às tecnologias de objetivação do corpo, bem como a cultura do *fitness*. O jovem que adota para o seu corpo as práticas da *Body modification* – modificação corporal –, esboça a tentativa de resgate da dimensão subjetiva do corpo, o vivido corporal (ORTEGA, 2006).²

A prática da *Body modification* é uma promessa de recuperar o corpo do torpor existente nas normas sociais, ou seja, é uma das formas de intensificação sensorial e sensitiva diante da anestesia sensorial da cultura contemporânea. Na promessa de retirar os sujeitos dessa monotonia sensorial, o componente dor é fundamental. Este componente torna-se uma via de acesso ao corpo vivido, pois na medida que vive em uma cultura em que os avanços da medicina prometem o alívio, senão, a total ausência da dor no nosso cotidiano, estas práticas vêm em oposição a esse discurso, pois procura aproximar o sujeito da dor. A autenticidade da dor como investimento subjetivo na matéria corporal presente nas modificações corporais constitui uma espécie de

² A expressão corpo vivido diferencia-se, aqui, do corpo vivo, no sentido de pertencimento desse corpo. “Ter um corpo” torna-se mais importante que “Ser um corpo” na nossa sociedade. Esquecemo-nos que ao mesmo tempo “o corpo que eu tenho” e o “corpo que eu sou” também é o corpo vivo e o corpo vivido.

resposta a uma cultura de anestesia sensorial e de patologização da dor e do sofrimento, conforme assinala Ortega (2006).

O fenômeno da *Body modification* chama atenção pelo seu caráter out,³ comparado-se aos padrões estéticos considerados in, tidos como aceitos socialmente, como os corpos belos, meticulosamente esculpidos nas academias de ginástica, magros e bronzeados. As modificações corporais representam diversas manifestações infringidas ao corpo, que vão desde os populares piercings e tatuagens, passando pelos alargadores de orelhas, escarificações (cicatrizes profundas), brandings (marcações com ferro em brasa), implantes subcutâneos (em geral feitos com esferas de silicone ou teflon), *body play* (brincadeiras com agulhas que perfuram o corpo), *blood play* (brincadeiras como sangue), *cuts* (amputações), até os chamados “rituais de suspensão” nos quais as pessoas são presas a piercings gigantes e penduradas por um sistema simplificado de polias, sob o auxílio do *body piercer*.⁴ Desta forma, os indivíduos adeptos da *Body modification* fogem de maneira *sui generis* aos padrões estéticos vigentes no que tange aos usos do corpo na nossa sociedade.

Para os jovens contemporâneos praticantes da *Body modification*, a produção destas marcas corporais significa, conforme Pires (2005), o rompimento da fronteira da pele, que permite mudanças das cores da epiderme e a feitura de incisões, queimaduras, perfurações, mutilações e implantes de diferentes tipos, com a finalidade de modificar os contornos e acrescentar elementos às silhuetas. Além disso, a *Body modification* possibilita a criação de novas dimensões estéticas, fazendo com que o corpo deixe de ser uma referência estável e passe a representar o bem que se possui (PIRES, 2005).

Sendo nossa sociedade extremamente seduzida pelo visual, a imagem detém prestígio singular. Cria-se em torno deste aspecto uma cultura na qual a única maneira de ser aceito é estar em cena, captar os olhares, agradar, ser sedutor, ou seja, a imagem de cada um é que se tornou decisiva. Mas como esse tipo de subjetividade atinge as relações? Essa forma de aceitação torna-se um problema quando é o principal

³ As expressões in e out utilizadas indicam tendências opostas no mundo contemporâneo, onde o in representa os padrões esteticamente aceitos e tidos como ideais de beleza; já os out, seriam relacionados à cultura marginal de guetos underground ou grupos que se identificam com práticas da *Body modification* e, portanto, insurgem contra os padrões vigentes de beleza.

⁴ Profissão recentemente criada, que consiste em perfurar o corpo dos adeptos dessa modalidade no intuito de encaixar adornos diversos no mesmo.

meio que os sujeitos têm para serem admitidos e reconhecidos. Para esta discussão é necessário remeter-nos às práticas ascéticas que implicam no processo de subjetivação das ações contemporâneas, que passaremos a analisar.

2. O desespero pela visibilidade

A ênfase na higiene, nos cuidados com o corpo, nas dietas alimentares e nos exercícios físicos diários, faz, atualmente, mais do que nunca, parte obrigatória de procedimentos para a construção de uma identidade pessoal, ao atuar no corpo como um processo no qual o sujeito se autocontrola, autovigia e autogoverna. Tudo incide no corpo, ele torna-se um “bem supremo” na nossa sociedade. Nesse processo de subjetivação, segundo Ortega(2006, p. 46), “a aparência do corpo tornou-se central às noções de auto-identidade. O corpo veio representar a liberdade pessoal, o melhor de nós”. Isto implica em investimentos sobre o corpo como um objeto de visão, na tentativa de transmutar o mundo interno na “carne externa”, onde o olhar do outro se torna a certificação da nossa existência.

Nesse sentido, tudo, necessariamente, passa pelo corpo, nada escapa a ele. A aparência virou essência! As antigas dicotomias como corpo-alma, que consideram o corpo simplesmente enquanto território unicamente exterior, tornam-se obsoletas. E a identidade social, antes construída histórica e socialmente pelos sujeitos, agora é substituída pelas identidades somáticas que primam por códigos sociais de identificação constantemente reconfiguráveis imprimidos na imagem do corpo.

Os processos de personalização pelos quais o corpo vem passando, juntamente com a sua supervalorização, chamam atenção pelo seu caráter demasiado. É um fenômeno que traz à tona preocupações nas mais diversas áreas do conhecimento e deve nos fazer refletir sobre alguns aspectos e desdobramentos dessa conduta tão peculiar da nossa sociedade e que se legitima no nosso cotidiano.

Para a educação é necessário pensar essas questões no sentido de elaboração desses acontecimentos, refletir sobre como a juventude, num processo somático que atravessa as últimas décadas, passou de utopias sociais para as utopias corporais.

No contexto do homem contemporâneo, parece que há um desinteresse pelo mundo de maneira geral, pela política e por questões

pertinentes ao coletivo. Existe uma preocupação consigo mesmo traduzida na atenção exacerbada destinada ao corpo, no processo constante de transformação do mesmo. Parece que a maior mudança a que o sujeito hodierno se anima está relacionada ao próprio corpo. Nas palavras de Ortega(2006,p. 49), o homem, “não podendo mudar o mundo, [tenta] mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação. As utopias corporais substituem as utopias sociais”.

Esta afirmação de Ortega nos remete à ausência de utopias sociais, como as manifestas pela juventude nos anos de 1960, por exemplo, onde havia engajamento político e certos interesses pelas causas sociais. Hoje, as atitudes de enfretamento tomadas por aquela geração são vistas como um mito. As causas de interesses coletivos deram lugar ao individualismo e a força de protesto, antes expressa por palavras ligadas a ideologias racionais, foram substituídas pela cultura somática. No corpo o sujeito busca confirmações e verdades sobre si mesmo que a sociedade não oferece.

Desta forma, as modificações corporais representam a procura por uma autenticidade calcada na aparência, na qual o indivíduo concentra toda a sua força nos processos invasivos e penosos, que envolvem dor, sangue, bem como cuidados exaustivos e contínuos ulteriores. Essas experiências de automutilação através da Body modification são também respostas às normas sociais, formas de intensificação e aproximação com o nosso sensorial, muitas vezes relegado a segundo plano na cultura contemporânea. As marcas deixadas pelo processo de modificação corporal são a prova concreta de que se pode sair da inércia, da monotonia. Desse modo, a Body modification é entendida pelos seus adeptos como uma experiência singular.

No entanto, protestar através dessas manifestações corpóreas revela a incapacidade de expor as demandas de forma verbalizada e com articulação. Parece que o grito visual basta, pois eu digo “tudo” com a minha imagem. O que movia a juventude nos movimentos de resistência de outrora, engajados por uma sociedade mais justa e livre, transmuta-se, hoje, nessa nova era somática, em cortes, pigmentação da pele, furos e implantes.

Os praticantes das modificações corporais acreditam estar tendo uma experiência íntima com o seu corpo no sentido de uma aproximação com o sensível, pois eles procuram, com esses rituais, uma percepção de si, desaparecida. A modificação parece fornecer ao sujeito

uma “assinatura de si” pela qual afirma sua identidade escolhida que difere daquelas que lhe são atribuídas pelo olhar do outro. É uma espécie de resposta materializada na carne, adotada por eles, em contrapartida à banalização da cultura contemporânea.

Mas ao tentar desesperadamente fugir da superficialidade das relações e tentar através do próprio corpo sentir-se vivo e existente, o jovem percebe que esta tentativa frustra-se, pois os seus signos identitários logo se tornam lugares comuns, mercadorias expostas nas vitrines, ou seja, o incomum, o íntimo atribuído aos signos identitários rapidamente se nivela ao trivial, aos olhos atentos da indústria cultural.

Do exposto ao longo de minha análise, posso dizer, seguramente, que, apesar das modificações corporais representarem uma tentativa de recusa à implacável exposição do corpo e a crescente necessidade da personalização do mesmo, em meio a esta cultura somática, esses argumentos se esvaziam a partir do momento em que os protestos também se transformam em produtos imagéticos vendidos como algo inusitado, exótico ou mesmo estilo de vida na cultura contemporânea. Assim, a tão almejada “singularidade”, perseguida pela juventude contemporânea, torna-se mais um locus de mercado, onde o out é incorporado pelo in, neste verdadeiro jogo de disputa por visibilidade, a qual, cada vez mais, adere à formação cultural da juventude contemporânea.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esdarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Educação e emancipação*. In: _____. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p.169-185.

_____. *Teoria da semiformação*. Tradução de Newton Ramos de Oliveira com a colaboração de Bruno Pucci e Cláudia de Moura Abreu. mimeo. 2003.

CROCHIK, José Leon. *Teoria crítica e novas tecnologias da educação*. In: PUCCI, B. et alii (Orgs). *Tecnologias, cultura e formação...ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 97-114.

KEHL, Maria Rita. Máquinas falantes. In: NOVAES, A. (Org.). O homem máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria I. Mendes de.; EUGENIO, Fernanda (Orgs). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte: piercing, implantes, escarificação, tatuagem. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.

SAFATLE, Vladimir. Um corpo obsoleto: sobre a relação entre fragilização das identidades e reconstrução contínua do corpo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO, 2004. Anais... [CD-ROM], 2004. p. 01-12.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. Cadernos CEDES: corpo e educação, Campinas, ano 19, n. 48, p. 94-95, ago. 1999.

Artigo recebido em maio de 2007 e aprovado em junho de 2007.